
ESTRUTURALISMO E DIALÉTICA MARXISTA: OS IMPASSES TEÓRICOS DO ESTRUTURALISMO DIANTE DA DIACRONIA E DO SUJEITO HISTÓRICO

*Claudinei Coletti*¹

1. Introdução

O estruturalismo é, sem dúvida, um dos princípios explicativos fundamentais das Ciências Sociais. Tentar defini-lo e analisá-lo em seus principais aspectos, será nosso objetivo geral neste artigo. De forma mais específica, tentaremos compreender como as questões da “diacronia” – ou seja, da transformação social – e do “indivíduo” foram encaradas pelo estruturalismo na sua versão marxista.

Quais os princípios epistemológicos do estruturalismo, tais como propostos pela Etnologia de Claude Lévi-Strauss? Com quais impasses se defrontaram os autores que procuraram conferir um caráter diacrônico ao método estrutural, ou seja, que procuraram compatibilizar o estruturalismo com o método dialético marxista? Como o “indivíduo” é visto por essa teoria social? – eis as perguntas das quais partiremos nesta nossa reflexão.

2. O estruturalismo: aspectos gerais.

Em termos gerais, *o conceito de estrutura*, conforme Lucien Sève, significa um conjunto de relações internas estáveis características de um determinado objeto, no qual se verifica a prevalência do todo sobre suas partes, de tal forma que cada elemento da estrutura só pode ser compreendido a partir da posição que ocupa na configuração total. Esta, por sua vez, é capaz de permanecer invariante, apesar de modificações determinadas em seus elementos.² Ou, ainda, segundo as palavras de Jean Piaget:

¹ Doutor em Ciências Sociais e mestre em Ciência Política pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP e professor-titular do curso de Direito do Centro Universitário Padre Anchieta, em Jundiá (SP).

² SÈVE, Lucien. Método estrutural e método dialético. In: MOULOU, Noël et al. *Estruturalismo e marxismo*. Trad. Carlos Henrique de Escobar. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968, p. 106.

em uma primeira aproximação, uma estrutura é um sistema de transformações que comporta leis enquanto sistema [...] e que se conserva ou se enriquece pelo próprio jogo de suas transformações, *sem que estas conduzam para fora de suas fronteiras ou façam apelo a elementos exteriores*. Em resumo, uma estrutura compreende os caracteres de totalidade, de transformações e de auto-regulação.³

Porém, o estruturalismo não se esgota nessa definição de estrutura, já que implica, também, uma questão de *método*. Cabe, portanto, responder à seguinte questão: qual o princípio epistemológico fundamental do método estruturalista?

Passemos, neste caso, a palavra a Claude Lévi-Strauss:

o princípio fundamental é que a noção de estrutura social não se refere à realidade empírica, mas aos modelos construídos em conformidade com esta. Assim aparece a diferença entre duas noções, tão vizinhas que foram confundidas muitas vezes: a da *estrutura social* e a de *relações sociais*. As *relações sociais* são a matéria-prima empregada para a construção dos modelos que tornam manifesta a própria *estrutura social*.⁴

O método estruturalista, como podemos observar, parte de *modelos* construídos pelo analista com vistas a tornar compreensíveis os fatos observados na realidade empírica, que, aliás, não se esgotam em si próprios. Aliás, convém ressaltar outra proposição fundamental do estruturalismo: as estruturas são *inconscientes*, relativamente aos sujeitos que a vivenciam. Neste sentido, para Lévi-Strauss, por exemplo, a Etnologia deveria ocupar-se da análise consciente – e sincrônica – das *estruturas mentais inconscientes*, a fim de destacar delas as propriedades universais capazes de explicá-las.⁵ Trata-se, portanto, de descobrir formas

³ PIAGET, Jean. *O estruturalismo*. Trad. Moacir Renato de Amorim. São Paulo: Difel, 1970, p. 8. Grifos nossos.

⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, p. 315-315. Grifos do autor.

⁵ Faz-se necessário ressaltar que o *privilégio* conferido por Claude Lévi-Strauss ao aspecto *sincrônico* da realidade não significa, pelo menos em termos de princípios, um completo desprezo pela diacronia. Diz esse autor: “Longe de nós, por conseguinte, a ideia de que as considerações históricas e geográficas não tenham valor para os estudos estruturais. [...] O método histórico não é de modo algum incompatível com uma atitude estrutural. Os fenômenos sincrônicos oferecem, no entanto, uma homogeneidade relativa que os torna mais fáceis de estudar que os fenômenos diacrônicos”. LÉVI-STRAUSS, Claude. Op. Cit. p. 329.

invariantes dentro de conteúdos diferentes: “o modelo deve ser construído de tal modo que seu funcionamento possa explicar todos os fatos observados”, diz-nos esse autor.⁶

Roland Barthès, ao analisar essa mesma questão, vai afirmar que o estruturalismo é *atividade* de imitação da realidade, não para copiá-la pura e simplesmente, mas, sobretudo, para compreendê-la. Por meio de um processo de decomposição e reconstituição da realidade, cria-se um *simulacro* do objeto – o objeto mesmo permanece invisível, inatingível --, que permite desvendar as interconexões entre as suas unidades internas:

O fim de toda atividade estruturalista [...] é de reconstituir um “objeto” de maneira a manifestar nesta reconstituição as regras do funcionamento (as “funções”) deste objeto. A estrutura é então de fato um *simulacro* dirigido, interessado, uma vez que o objeto imitado faz parecer qualquer coisa que permanecia invisível, ou se se prefere, ininteligível no objeto natural. O homem estrutural toma o real, o decompõe, depois o recompõe: isso é em aparência muito pouca coisa [...]. Todavia, de outro ponto de vista, esta pouca coisa é decisiva: porque entre os dois objetos, ou os dois tempos da atividade estruturalista, se produz *algo de novo*, e este novo não é nada menos que o inteligível geral.⁷

Em suma, como muito bem observado por Lucien Sève, diríamos que o método estruturalista implica os seguintes princípios:

1) uma *epistemologia do modelo*, que rejeita o ponto de vista *empirista* segundo o qual a estrutura se deixaria apreender ao nível das relações imediatas entre os fenômenos, para sustentar ao contrário que ela deve ser *construída* pela razão científica, para além das aparências e se necessário contra elas; 2) correlativamente, uma ontologia da estrutura como *infraestrutura inconsciente* das relações percebidas, e conseqüentemente uma desqualificação daquilo que aparece à consciência imediata dos sujeitos, sob a forma do vivido, e, nesta perspectiva, aquilo que se fundamenta no nível do sujeito humano sendo necessariamente ilusório, um *anti-humanismo teórico*; 3) ao mesmo tempo, a *rejeição da concepção historicista* da História como progresso contínuo e homogêneo da humanidade, em proveito de uma concepção da diversidade dos fatos humanos como desdobramento das soluções possíveis a um problema geral cujos dados de base, implicados nas leis universais do espírito humano, e sem dúvida da própria matéria, não poderiam mudar.⁸

⁶ Ibidem, p. 316.

⁷ BARTHÈS, Roland. A atividade estruturalista. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (org.). *O método estruturalista*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967, p. 58-59. Grifos do autor.

⁸ SÈVE, Lucien. Op. Cit., p. 108. Grifos do autor.

Essas considerações iniciais sobre o estruturalismo, de imediato colocam-nos algumas inquietações. Na citação que fizemos, páginas atrás, do trabalho de Jean Piaget, explicita-se um primeiro problema, a nosso ver de fundamental importância para a relação entre as Ciências Sociais e o estruturalismo: se as transformações somente são possíveis dentro de determinadas fronteiras, ou seja, se se trata de um “sistema de transformações, fechado sobre si mesmo”⁹, como compatibilizar tal princípio estruturalista com as transformações “estruturais” do processo histórico-social? Ou, em outros termos: se a prioridade metodológica do estruturalismo é o ponto de vista *sincrônico* – exame do estado do sistema num momento dado --, em detrimento do *diacrônico* – análise da história do sistema e de seu desenvolvimento de estágio em estágio --, como seria possível apreender, a partir dessa perspectiva, o processo evolutivo? Dito de forma mais específica ainda: seria possível compatibilizar o método estruturalista com o método dialético, como pretendem alguns autores marxistas? E mais: se os sujeitos vivenciam as estruturas de forma inconsciente, como seria possível uma intervenção consciente na realidade a fim de transformá-la?...

Sem a pretensão de responder, de forma acabada, a essas questões, vejamos, num primeiro momento, os pontos fundamentais da discussão que se estabeleceu nas Ciências Sociais sobre a possibilidade de se articular o *ponto de vista estrutural* com o *ponto de vista dialético* – este último, próprio do marxismo e baseado na premissa de que a realidade social está em contínua transformação, devido às suas contradições internas.

Para tanto, tomaremos como ponto de partida o trabalho de Maurice Godelier, autor marxista que encarou de frente essa questão.¹⁰ Em seguida, verificaremos algumas críticas endereçadas aos argumentos desse autor.

3. Método estrutural e método dialético

O problema da compatibilidade entre o estruturalismo e as transformações históricas profundas parece não ter incomodado sobremaneira Lévi-Strauss, até porque o objeto privilegiado de análise da Etnologia são as sociedades ditas “arcaicas”, as quais não

⁹ PIAGET, Jean. Op. cit, p. 9.

¹⁰ GODELIER, Maurice. Système, structure e contradiction dans “Le Capital”. *Les temps modernes*. 22e. année, n. 246, nov. 1966.

apresentam propensão a modificações significativas em sua estrutura. Ao comentar esse aspecto do pensamento de Lévi-Strauss, Luc de Heusch observa que

por diversas vezes, ainda que episodicamente, Lévi-Strauss opõe a história *cumulativa* ou *quente* “que acumula os achados e as invenções para construir grandes civilizações” (Raça e História) e a história *estacionária* ou *fria*, aquela das sociedades arcaicas que se satisfizeram, na sua imensa maioria, das conquistas da revolução neolítica, que dotou a humanidade da agricultura e da criação de animais. A estas sociedades, ele atribui expressamente “uma sabedoria particular que incita a resistir desesperadamente a toda modificação de sua estrutura” (Leçon Inaugurale).¹¹

Todavia, entre os autores marxistas que se propuseram a pensar a evolução histórica da sociedade ocidental sob um ponto de vista estrutural, colocava-se de imediato a necessidade de realização de um esforço nada desprezível para determinar as condições teóricas de fusão entre o estruturalismo e a dialética marxista.

Não analisaremos, aqui, o conjunto da obra dos autores pertencentes à corrente denominada de “estrutural-marxista” – Louis Althusser, Nicos Poulantzas, Etienne Balibar etc. Como dissemos anteriormente, utilizaremos como referência tão-somente o trabalho de Maurice Godelier, a nosso ver bastante representativo desse esforço.

Maurice Godelier considera possível introduzir no método estrutural a problemática do desenvolvimento histórico, por um lado, e no método dialético a problemática da estrutura, por outro. Referindo-se ao próprio Marx e à sua obra máxima – *O Capital* – afirma que Marx já anunciava a corrente estruturalista moderna: Marx, diz ele, há mais de um século, já descrevia a vida social inteira em termos de “estruturas”, já avançava a hipótese da existência de “correspondências” necessárias entre infraestruturas e superestruturas para caracterizar os diversos tipos de sociedade e já pretendia, enfim, poder explicar “a evolução” desses tipos de sociedade pela aparição e desenvolvimento de “contradições” entre suas estruturas. O conhecimento científico do sistema capitalista, para Marx, consistia em descobrir além de seu funcionamento visível, sua estrutura interna, escondida. Para Marx, tanto quanto para Lévi-Strauss, as “estruturas” não poderiam ser confundidas com as relações sociais visíveis.

¹¹ HEUSCH, Luc de. Situação e posições da antropologia estrutural. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (org.). *O método estruturalista*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, p. 58-59. Grifos do autor.

Constituem um nível da realidade invisível, presente para além das relações sociais visíveis, e que permanece, no essencial, inconsciente aos indivíduos. Além disso, o estudo do funcionamento interno de uma estrutura deve preceder a esclarecer o estudo de sua *gênese* e de sua *evolução*, pois sem o conhecimento da estrutura não se pode compreender adequadamente o modo de sua transformação.¹²

Ora, mas se se parte de *estruturas invariantes* como se pode apreender o processo de *evolução* de uma formação social determinada? Como compatibilizar uma certa “lógica da imutabilidade” presente no estruturalismo com a “lógica do desenvolvimento” própria da dialética marxista?¹³

A solução proposta por Godelier está ligada a algumas premissas fundamentais. Em primeiro lugar, segundo a leitura que ele faz de Marx, o modo de produção, enquanto sistema econômico, seria constituído pela combinação de duas estruturas distintas e irreduzíveis uma a outra: as forças produtivas e as relações de produção. Enquanto a contradição entre capital e trabalho é uma *contradição interna* à estrutura relações de produção¹⁴, a contradição (nem sempre) existente entre forças produtivas e relações de produção é uma contradição *entre duas estruturas*. Esta última contradição seria a *contradição fundamental*, capaz de explicar a evolução do capitalismo e a própria necessidade de seu desaparecimento¹⁵. E mais: neste último caso não se trata de uma *contradição originária*, existente no sistema desde sua origem, pois ela aparece apenas a partir de um certo grau de maturidade do sistema. Na

¹² Segundo Godelier, os dois princípios fundamentais da análise estrutural encontram-se presentes tanto no estruturalismo moderno de Lévi-Strauss quanto em Marx: “le premier, qu’une structure fait partie du réel mais non des relations visibles, le second que l’étude du fonctionnement interne d’une structure doit preceder et éclairer l’étude de sa genèse e de son évolution”. Este segundo princípio é provado pela própria “arquitetura” d’*O Capital*: este começa com uma exposição da teoria do valor, avança para a definição da estrutura específica do sistema econômico capitalista (fim da 2ª seção do tomo I) e, somente ao final do livro I aborda o problema da *gênese* das relações de produção capitalistas. GODELIER, Maurice. Op. Cit., p. 837-839.

¹³ Segundo as palavras do próprio Godelier: “Car comment concilier l’hypothèse de l’apparition de contradictions internes à un système avec la thèse de le fonctionnement de ce système *reproduit* nécessairement ses conditions de fonctionnement?” GODELIER, Maurice. Op. cit., p. 840. Grifos do autor.

¹⁴ Trata-se de uma contradição interna, originária e antagonica, diz Godelier; “Elle est donc originaire au sens qu’elle est presente dès l’origine et le reste jusqu’à la disparition du système. [...] Cette contradiction est antagonique: la fonction d’une classe est d’exploiter l’autre. Elle se manifeste à travers la lutte des classes.” GODELIER, Maurice. Op. cit. p. 846.

¹⁵ Diz Godelier: “[...] la contradiction fondamentale du mode de production capitalista [...] consiste dans la contradiction entre le développement et la socialisation des forces productives et la propriété privée des moyens de production. GODELIER, Maurice. Op. cit.

origem, diz Godelier, longe de contradizer o desenvolvimento das forças produtivas, as relações de produção capitalistas o impulsionam e o fazem progredir de maneira impetuosa.¹⁶

Pois bem, a primeira contradição – entre capital e trabalho --, interna e originária às relações de produção, reproduz-se incessantemente, não contendo em seu próprio interior o conjunto de condições para a sua solução. Tal solução, portanto, está localizada exatamente na contradição entre relações de produção e forças produtivas. O desenvolvimento das forças produtivas gera uma contradição destas com as relações de produção que, por sua vez, terão de ser transformadas para ajustarem-se àquelas. Alterando-se as relações de produção capitalistas – suprimindo-se a propriedade privada dos meios de produção – tem-se, portanto, a resolução da contradição interna às relações de produção – entre capital e trabalho.¹⁷

Podemos observar, dessa forma, como Godelier consegue articular, a um só tempo, a lógica dialética do desenvolvimento e da diacronia, de um lado, com a lógica estrutural que privilegia a sincronia e não permite transformações para além de seus próprios limites, de outro. O desenvolvimento dialético, dessa maneira, não vem de dentro da própria estrutura, mas de sua contradição com outra estrutura, distinta da primeira. Como vimos, esta conclusão só foi possível a partir do momento que ele considerou a estrutura econômica da sociedade como sendo composta por duas estruturas distintas: forças produtivas e relações de produção.

Uma estrutura, portanto, só pode ser radicalmente transformada quando entra em choque – ou melhor, em contradição – com outra. Se tal não ocorrer, ambas tendem a se reproduzir indefinidamente.

4. Crítica a Godelier

Lucien Séve, ao analisar os argumentos apresentados por Maurice Godelier, não considera o resultado da reflexão deste autor como satisfatório. Em primeiro lugar, porque Godelier resolveu seu problema às custas da supressão do lugar teórico central ocupado, no

¹⁶ Ibidem, p. 847.

¹⁷ “La solution de cette seconde contradiction consiste à changer la structure des rapports de production pour *la mettre en correspondance* avec celles des forces productives. Or ce changement revient à exclure la propriété privée des moyens de production, donc a supprimer *la base meme de la contradiction* interne des rapports de production capitaliste. Mais cette suppression n’est possible qu’e à un certain moment du développement du mode de production, à un moment du développement des forces productives.” GODELIER, Maurice. Op. cit., p. 853.

pensamento marxiano, pela *luta de classes* na transformação revolucionária. O marxismo, lembra ele, não pode nem deve ser confundido com uma espécie de *fatalismo econômico*:

mas o próprio do marxismo é de estabelecer *também*, teórica e praticamente, que se há as *condições objetivas* da solução revolucionária da contradição a *própria solução* não é de maneira alguma o resultado automático do crescimento das forças produtivas, mas o produto da ação revolucionária conduzida pela classe operária e seus aliados, isto é, o produto do desenvolvimento interno da contradição das próprias relações de produção.¹⁸

Como uma solução interna da contradição interna é incompatível com o método estrutural, Godelier, segundo Sève, desloca a solução da contradição entre as classes sociais para o crescimento das forças produtivas. Dessa forma, rejeita a tese marxista fundamental sobre o papel-motor decisivo da luta de classes, tanto na transformação das relações de produção quanto na liberação das próprias forças produtivas dos entraves que obstaculizam seu desenvolvimento. Sève discorda, também, da ideia de que as forças e as relações de produção sejam duas estruturas “completamente distintas” e “irredutíveis uma a outra”. Ainda que Marx as tenha concebido como *realmente diferentes*, a diferença estabelece-se no sentido dialético, ou seja, elas formam uma unidade e revelam uma *dialética interna*, e não uma contradição externa tal como proposta por Godelier.¹⁹

Ainda segundo Lucien Sève, entre estruturalismo e dialética há diferenças de essência, daí que Godelier só conseguiu compatibilizá-los ao preço de deformar alguns princípios básicos do marxismo:

entre método estrutural e método dialético há certamente em pontos decisivos *oposição de essência*. Não de todo, certamente, que o método dialético recusa o conceito de estrutura; mas a concepção e as regras de emprego estruturalistas e dialéticas desse conceito são inconciliáveis. Para o método dialético, a estrutura, que atrás de sua estabilidade relativa não é senão a configuração transitória do processo, tem dentro dela própria, sob a forma da contradição motora interna, a necessidade de sua própria transformação. Para o método estrutural, ao contrário, a sincronia sendo rigorosamente distinta da diacronia, a estrutura é por ela mesma invariante, e não encontra a necessidade de sua transformação senão no choque com

¹⁸ SÈVE, Lucien. Op. cit. p. 118. Grifos do autor.

¹⁹ Ibidem. p. 123-124, 127.

limites externos. Isso permite *referenciar com certeza* o método estrutural em relação ao método dialético: o método estrutural se situa aquém da lógica dialética, no campo daquilo que Hegel e os clássicos do marxismo chamam de pensamento metafísico, isto é, do *pensamento que opera com categorias fixas*.²⁰

De fato, o método estrutural, muito competente para explicar a *reprodução* de uma determinada estrutura, talvez e, contraditoriamente, por isto mesmo, coloque-se em dificuldades quando a questão é analisar as transformações profundas dessa mesma estrutura. Trata-se, a nosso ver, de uma limitação que, de maneira alguma, diminui seus outros méritos teóricos.

5. O anti-humanismo teórico do estruturalismo

No debate entre Lucien Sève e Maurice Godelier acima sintetizado podemos notar que um dos pontos fundamentais de discórdia é exatamente o papel que um e outro atribui à luta de classes no processo de transformação histórica. Esta questão, sem dúvida, está ligada à atribuição, ou não, da responsabilidade pelas transformações sociais a um sujeito histórico.

A abordagem estruturalista conduz, irremediavelmente, à dissolução do “sujeito”, pois estes, na visão desta corrente, não passam de meros fantoches das estruturas dominantes. Os indivíduos vivenciam as determinações estruturais como óbvias, e as praticam o tempo todo de forma inconsciente.

Talvez pudéssemos contextualizar historicamente o estruturalismo, relacionando-o com o próprio contexto social no qual essa corrente explicativa das Ciências Sociais desenvolveu-se. E talvez pudéssemos seguir a trilha indicada por Reger Garaudy, na sua crítica ao estruturalismo. Diz esse autor, ao refletir sobre a França dos anos 60 do século passado:

além da decepção teórica, nascida da impotência do existencialismo sartriano para fundar Ciências Humanas, há também uma experiência vivida, que explica a sedução atual desses empreendimentos estruturalistas. O poder terrível não somente dos *mass media*, da imprensa, da publicidade, do rádio,

²⁰ Ibidem. p. 139. Grifos do autor.

da televisão, do cinema, mas também das instituições que os utilizam para condicionar o desenvolvimento dos indivíduos, seja a fins econômicos, seja a fins morais, seja a fins políticos, tudo isso criou uma situação de fato, onde o que há de mais aparente é o condicionamento do comportamento dos homens pelas estruturas muito mais do que o momento criador.²¹

Esse autor cita, também, a influência do próprio desenvolvimento das forças produtivas e da vigência do paradigma taylorista-fordista como ingredientes capazes de contribuir para o sucesso do estruturalismo. Afinal de contas, o homem não foi transformado em mero apêndice de carne e osso de uma estrutura de aço – a máquina?...²²

Ao analisar, no final dos anos 1960, uma tendência de mudança no processo de organização do trabalho, devido à cibernética e à automação, acompanhada de uma valorização dos fatores subjetivos e humanos do trabalho, o autor chega a uma conclusão, a nosso ver, precipitada: “[...] a teorização de nossos estruturalistas abstratos é uma teorização sobre uma realidade que está sendo superada”.²³

Será mesmo? A hipótese que levantamos é que o condicionamento do homem pelas estruturas, hoje, é muito mais abrangente e sofisticado do que o era há cinquenta, quarenta anos atrás. Com uma diferença: se naquela época o socialismo parecia constituir-se numa alternativa de fato à sociedade capitalista – daí a força e a importância da discussão que se travou sobre a compatibilidade entre a dialética marxista e o método estruturalista --, hoje, para dizer o mínimo, esta “alternativa” mostra-se remota no horizonte histórico.

E neste novo contexto histórico novas teorias surgem e procuram, cada uma a seu modo, explicar a reprodução e as transformações da realidade social.

Referências:

BARTHÈS, Roland. A atividade estruturalista. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (org.). *O método estruturalista*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967.

²¹ GARAUDY, Roger. Estruturalismo e “morte do homem”. In: MOULOU, Noël et al. *Estruturalismo e marxismo*. Trad. Carlos Henrique de Escobar. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968, p. 170.

²² Ibidem, p. 171.

²³ Ibidem, p. 173.

GARAUDY, Roger. Estruturalismo e “morte do homem”. In: MOULOU, Noël et al. *Estruturalismo e marxismo*. Trad. Carlos Henrique de Escobar. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.

GODELIER, Maurice. Système, structure e contradiction dans “Le Capital”. *Les temps modernes*. 22e. année, n. 246, nov. 1966.

HEUSCH, Luc de. Situação e posições da antropologia estrutural. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (org.). *O método estruturalista*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

PIAGET, Jean. *O estruturalismo*. Trad. Moacir Renato de Amorim. São Paulo: Difel, 1970.

SÈVE, Lucien. Método estrutural e método dialético. In: MOULOU, Noël et al. *Estruturalismo e marxismo*. Trad. Carlos Henrique de Escobar. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.